

# A violência entre adolescentes no ambiente escolar: fios e desafios

*Violence among adolescents in the school environment: threads and challenges*

Joicimar Cristina Cozza<sup>1</sup>  
Fernanda de Sousa Vieira<sup>2</sup>

## RESUMO

Violência no ambiente escolar entre adolescentes, mais especificamente, o *bullying*, objeto do presente estudo, é definida como qualquer ato praticado de forma isolada ou em grupo em instituições de ensino envolvendo o corpo discente e se caracteriza pela repetição de situações de agressão física, humilhação, constrangimentos, exclusão, danos morais, bem como preconceitos em relação ao gênero, raça / etnia, que causam danos físicos, morais ou sociais à vítima. O estudo baseou-se teoricamente no movimento construcionista social, que se encontra notavelmente presente na produção da pesquisa brasileira e ganhou destaque na literatura internacional, especialmente em Psicologia nas últimas décadas.

**Palavras-chave:** Violência, adolescente, ambiente escolar.

## ABSTRACT

Violence in the school environment among adolescents, more specifically, bullying, object of the present study, it is defined as any act practiced in an isolated or group way in educational institutions involving the student body and is characterized by repetition of situations of physical aggression, humiliation, constraints, exclusion, moral damages as well as prejudices regarding gender, race/ethnicity, that cause physical, moral or social damages to the victim. The study was theoretically based on social constructionism movement, which is remarkably present in Brazilian research production and has gained prominence in international literature, especially in Psychology in the past decades.

**Key words:** Violence, adolescent, school environment.

## Introdução

A violência contra e entre adolescentes, embora seja um fenômeno antigo, tem sido alvo de estudos de pesquisadores somente há algumas décadas. Segundo Ricas, Donoso e Gresta (2006) em diferentes partes do mundo, a violência vem assumindo crescente papel nas estatísticas de morbimortalidade de adolescentes.

A palavra violência origina-se do latim *violentia* e significa um caráter bravo, uso de força que, segundo Paulilo e Dal Bello (2002), caracteriza-se como uma força de origem natural no ser humano exercida contra algo ou alguém. Porém, violência não necessariamente compreende atos físicos, podendo se aplicar à dimensão da

---

<sup>1</sup> Psicóloga; Mestra em Medicina Preventiva/Ciência; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba.

<sup>2</sup>Psicóloga; Doutora em Psicologia e Desenvolvimento; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba.

intersubjetividade, passando por elementos psicológicos, mas igualmente é inseparável de políticas que negligenciam e exploram pessoas. Na concepção de Paulilo; Dal Bello (2002), denomina-se violência situações nas quais os indivíduos agem direta ou indiretamente para causar danos físicos, psicológicos, morais, em suas posses, incluindo a exclusão ou negligência da participação da pessoa, simbolicamente, na dimensão sociocultural.

Entende-se que a violência é uma forma de relação social que está inexoravelmente atada ao modo pelo qual as pessoas produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos de comportamento que se atualizam nas sociedades contemporâneas, nos marcos de seus processos históricos (GUERRA, 2001). Dessa forma, considera-se no presente estudo que o fenômeno da violência exige uma reflexão a partir de abordagem multifatorial, tendo em vista suas raízes socioculturais e históricas. Socioculturais, por dimensionar a pessoa como participante de grupos e inserida num contexto cultural que a identifica e históricas, porque os fatores de produção e reprodução das relações estabelecidas nos diversos ambientes dos quais os indivíduos participam, são expressos em opiniões, crenças, valores e representações relativas às várias concepções historicamente dadas sobre a violência.

O mercado de consumo traz como marca condições de produção de violência construídas social e historicamente a partir da década de 1980, imprimindo dever atrelado ao consumo dos mais variados tipos, sobretudo entre os grupos de jovens que se constituem diversamente: roupas, acessórios, música, posturas impressas nos mais variados grupos como forma de inclusão social, criada por esse mercado de consumo, o que cria necessidades, desejos e obrigação de consumir.

### **Aspectos socioculturais e econômicos**

A pressão desse mercado aliada às profundas desigualdades vivenciadas socioeconomicamente impõe formas de existência perversas no campo simbólico. Nelas, estão enraizadas necessidades de satisfação de desejos de consumo, ainda que pelo uso da força. Por outro lado, há movimentos na contramão desse estado aparentemente natural, embora, no cotidiano social, ainda impere o uso da força

como “revanche contra o bacana”. Diante disso, há que se pensar que as desigualdades sociais ainda estabelecem formas de violência vivida.

As sociedades ocidentais passam, a partir dos anos 2000, de acordo com os estudos de Paulilo; Dal Bello (2002), por um momento caracterizado pelo crescimento das desigualdades sociais, marcadamente inserindo os indivíduos, sobretudo, as autoras referem-se aos jovens, integrados a um espaço de sociabilidade marcadamente violento.

Embora as contribuições de diversos autores sejam trazidas à discussão sobre a violência, se buscou os estudos de Itani (1998) na constituição do eixo direcionador da perspectiva sobre a violência utilizada neste trabalho, relacionada a uma referência externa ao sujeito. Segundo a autora, há tendência de atribuir à violência atos exercidos pelos outros e, em particular, grande parte das concepções sobre o fenômeno relacionam movimentos violentos à periferia e/ou entre pessoas de baixa renda pertencentes às chamadas minorias sociais o que, segundo seus estudos, não condiz com a realidade brasileira.

Os estudos sobre violência no Brasil marcam uma dificuldade para definir o que se nomeia violência, pois:

*[...] elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. Concorda-se com o conceito de que há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (HAYECK, 2009, p. 5)*

Assim, observa-se que as pesquisas apresentam duas tendências no que se refere à abordagem da violência. Uma tendência questiona-se o conceito universal de violência, identificando suas representações, seus significados e sua dimensão, adaptados às transformações sociais. O olhar histórico sobre as relações violentas, datado e cartografado, emerge no contexto cultural do qual se pretende referir ao conceito de violência. Por outro lado, outra tendência é considerar a violência em suas fontes, na natureza, nas interações (BERNARDINI;MAIA, 2010).

Portanto, pensar a violência seria pensar em construções de saberes que divergem em uma sociedade tão plural quanto a brasileira. O imaginário das pessoas

e os sentidos dados à violência, quando essas são vítimas ou agressores, constituem-se como vivências particulares. Mas, necessário se faz, eleger um conceito que dê conta de nortear o caminho escolhido para pensar a violência na perspectiva do presente estudo. Para tanto, Velho (1996) aponta como possibilidade de conceituação a violência como tudo o que não é desejado por outrem e que se lhe impõe pela força simbólica ou concreta e que, portanto, se coloca na contramão do desejo.

A partir dessas colocações e estudos abordados, foi adotada aqui a premissa de que a violência no Brasil se expressa na construção social, por meio de emaranhado de interrelações e o significado dado à violência pelos indivíduos está nos contextos trazidos por seus discursos a respeito de suas vivências pessoais, subjetivas e apropriadas em seu cotidiano. A violência, portanto, é sempre uma vivência experienciada subjetivamente.

### **A violência no ambiente escolar**

Sob o foco de que a violência entre adolescentes no ambiente escolar emerge de representações sobre o *bullying*, buscou-se entender a violência no âmbito escolar. A partir dessa perspectiva, considerou-se conexões entre a violência e o espaço escolar como fenômenos que se constroem dialeticamente. O conceito de *bullying* foi útil na medida em que referenciou a pesquisa no tocante às representações da violência nesse ambiente e, ainda, por apoiar a compreensão das conexões que essas representações estabelecem com os aspectos de coprodução de violência.

Se, por um lado, a educação tem o potencial de abrir caminhos de conquistas e possibilitar o protagonismo, por outro os modelos escolares podem reproduzir em suas relações as práticas de violências construídas social e historicamente. Assim, os modelos escolares caminham nesse sentido:

*Começam pela classificação dos indivíduos e grupos sociais por faixa etária, nível de inteligência, sexo, cor e raça, dividindo-os entre normais e anormais ou deficientes, entre bons e capazes, de um lado, e incapazes e ruins de outro. Nesse processo, [adolescentes] vão sendo selecionados entre bons e capazes, de um lado, e, de outro, vão sendo estigmatizados os incapazes e ruins, seguindo categorias previamente [e sócio historicamente] definidas. A modelação continua pela fragmentação do conhecimento (...)* (ITANI,1998, p. 39).

Portanto, para pensar a violência no âmbito escolar, se fez necessário compreender como as práticas escolares se produzem a com um recorrente discurso institucionalizado e reproduzem a violência de uma esfera maior presente em todas as relações. A violência no âmbito escolar assume uma diversidade de formas e representações a partir das experiências práticas e simbólicas que os sujeitos têm do que é ou não violência.

Segundo pesquisa divulgada em 2009, pela Organização Não-Governamental Internacional PLAN, por dia, cerca de um milhão de alunos entre 11 e 18 anos em todo o mundo sofre algum tipo de violência nas escolas. (PLAN, 2009). Ainda segundo este estudo, o *bullying* é mais comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País e a incidência maior está entre os adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na sexta série do ensino fundamental. Em relação às motivações que direcionam esse comportamento, por um lado foi observado que os agressores buscam obter popularidade junto aos colegas por necessidade de aceitação no grupo de referência e que se sentiram poderosos em relação aos demais. As vítimas são descritas como pessoas que apresentam alguma diferença em relação aos demais colegas, como por exemplo: traço físico, algum tipo de necessidade especial, o uso de vestimentas consideradas diferentes, a posse de objetos ou o consumo de bens indicativos de status socioeconômico superior ao dos demais alunos.

De acordo com Antunes e Zuin (2008), a violência escolar em todo o mundo configura-se como um grave problema social, podendo ser desencadeada, conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno.

Trazendo ao debate a relação entre violência e poder, Foucault (1992) aponta que quando se pensa na mecânica do poder, se pensa em uma forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, são inscritos em seus gestos, suas atitudes, sua aprendizagem, sua vida cotidiana e, sobretudo, nas instituições das quais participa. Os espaços institucionais são dimensionados pelo autor como contextos de poder e naturalização da ideia de que a adolescência deve ser corrigida, formada, enquadrada, e que seus desejos devem ser tutelados por uma organização educacional que os desqualifica como atores de sua própria vida. Nesse sentido, apresentam-se duas tendências:

*Ora, nas duas descrições a abordagem feita parece reducionista e coloca o ser adolescente em um padrão. Numa delas, [a adolescência] é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituída por indivíduos pertencentes a uma dada "fase de vida", prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase de vida. [...] Noutra tendência, contudo, [a adolescência] é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas [...] em função de diferentes pertenças de classe social [...] (PAIS, 2003, p. 140).*

A educação como forma de enfrentamento da violência reproduzida no ambiente escolar se fortalece e toma forma a partir das demandas do processo de socialização. Por esse processo, os indivíduos introjetam e reproduzem comportamentos, sentimentos, atitudes, relações a partir de uma construção social, ou seja, segundo Itani (1998), adquirem-se conteúdos que podem ser considerados pertencentes à construção do seu entorno social. A ação educativa socializa, impõe regras de vivência coletiva, concomitante à socialização construída pelas e nas diversas instâncias da sociedade, desde a família, imprimindo-se o valor da vida como um valor constitutivo do ser humano. A socialização e a escola como instituição do Estado atuante na educação reproduz a violência social, mas também se constitui civilizatória, na medida em que impõe regras de sociabilidade. Mas por esses dispositivos também é possível que se reproduzam as desigualdades e se instalem o rompimento com uma ética da vida, o que pode deflagrar comportamento violento. Assim, quando a violência se produz a partir da vida cotidiana, das profundas desigualdades sociais, ela também, de certo modo impõe-se de diversas maneiras e nos diferentes níveis das relações em todos os grupos sociais, ainda que não igualmente (ITANI, 1998).

### **Conclusão**

O *bullying* é apontado nos estudos brasileiros como um fenômeno muito relevante com relação à incidência de transtornos mentais em adultos que sofreram *bullying* na infância, bem como aos comportamentos referidos antissociais e/ou violentos.

No Brasil, segundo os mesmos autores, estudos realizados entre 2000 e 2003 sobre a realidade de cinco escolas no interior de São Paulo, onde foram analisados os comportamentos de dois mil estudantes, apontaram para o fato de que a incidência de *bullying* é maior entre 11 e 14 anos e tende a diminuir com a idade. Os comportamentos de risco entre esses adolescentes relacionam-se a: dirigir sem

cinto, usar drogas, alcoolismo, dentre outros que podem vir a torná-los adultos agressivos em casa e no trabalho, não respeitar sinais de trânsito, furar fila e se considerar acima de tudo e de todos (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008). As consequências das práticas de *bullying* para as vítimas são sempre negativas, podem apresentar-se imediata ou tardiamente, tais como, baixo desempenho escolar, baixa autoestima, recusa em ir à escola. Nos casos de depressão, os estudos apontam para uma incidência elevada de suicídios.

Diante disso, pôde-se inferir que a violência no âmbito escolar é um fenômeno de grande relevância e que há a necessidade de mais estudos que tragam à luz a problemática e contribuam para reflexões acerca de estratégias de enfrentamento ao *bullying*.

### **Referências Bibliográficas**

- ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S.. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista Pediatra**, jan-jun. 2008.
- ANTUNES, D.; ZUIN, A. A. S.; Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação; Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil- **Psicologia & Sociedade**; 20 (1): 16-32, 2008.
- BERNARDINI, C. H., e MAIA, H. **Bullying escolar**: uma análise do discurso de professores. Polêmica, 2010.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GUERRA, V. N. **de A. Violência psicológica doméstica**: Vozes da Juventude, SP, <http://www.ieditora.com.br> (Disponível somente para aquisição Online).
- HAYECK, C. M. Refletindo sobre a violência. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Ano I - Número I - Julho de 2009; Disponível em: [www.rbhcs.com](http://www.rbhcs.com); Acesso em: 15/09/2015.
- ITANI, A. **A violência no imaginário dos agentes educativos**; Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/1998.
- PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da moeda, 2003.
- PAULILO, M. A. S.; DAL BELLO, M.G. Jovens no Contexto Contemporâneo: Vulnerabilidade, Risco e Violência. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, Jan./Jun. 2002. Disponível em: [http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v4n2\\_marilia.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v4n2_marilia.htm). Acesso em: 09 set. 2015.

PLAN INERNATIONAL. **Dados sobre saúde no mundo**; [www.plan.org.br](http://www.plan.org.br), 2008/2014.

VELHO, G.; ALVINO, M. (org.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.